

Nocturnal

A acompanhar um Festival de Música, no espaço recatado do Convento dos Capuchos, uma exposição de desenho, pintura e escultura, intitulada «Nocturnal», é como que uma homenagem ao negro nocturno, com suas subtis variações de cinzentos e azuis, onde, por vezes, irrompe a discreta luz branca, lunar. São obras de cinco artistas, cinco modos diferentes de abordagem, através de três técnicas específicas, que aqui encontram alguma afinidade estética e poética. No desenho a grafite, Jorge Martins constrói, com extremo rigor e sensibilidade, a luz-sombra, texturada a negro e cinzento, deixando transparecer o branco do suporte. Ao traçar signos abstractos com o próprio tubo de tinta sobre uma lisa superfície negra, na pintura gestual de Joaquim Bravo, o negro sobrepõe-se ao negro, e o azul escuro sobressai, criando uma dissonância de cor, ritmo e matéria. Azuis e negros, com subtis clarões de brancos lunares, são os relevos simbólicos de David de Almeida. Os jovens escultores Rui Matos e Luís Cruz recorrem ao cinzento-negro da ardósia, pedra macia que talham para conceber formas emblemáticas, de nítido recorte geometrizado em silhueta, no caso de Rui Matos, mais informais e volumétricas, no caso de Luís Cruz.

Nos cinco artistas, há uma vontade de desmaterialização em favor de uma maior, pureza de expressão. Ou, como diz Fernando de Azevedo, no prefácio, «em todos eles a matéria é significante», pelo que «a desmaterialização tão indispensável à obra de arte, à passagem do objecto para um absoluto de meditação, faz-se partindo de uma